



estudos semióticos

www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es

issn 1980-4016
semestral

novembro de 2011

vol. 7, nº 2
p. 52-62

Signo, significação e discurso

Rubens César Baquião*

Resumo: Este texto pretende apresentar as bases da teoria semiótica greimasiana e seus mais recentes desenvolvimentos teóricos. Os conceitos linguísticos propostos por Saussure e Hjelmslev são expostos e também é mostrado o desenvolvimento desses conceitos na semiótica das paixões e na semiótica tensiva. Um texto publicitário é destacado para demonstrar a aplicação da teoria. Esse texto publicitário organiza seu discurso sobre a figura de Jesus Cristo. A noção do poder espiritual de Cristo na sociedade ocidental possibilitou o entendimento e a integração dos valores internos e externos no conceito de homem. Os valores divergentes do *eu* e do *outro* – conceitos fundamentais no desenvolvimento do pensamento humano – são conciliados na noção de compaixão e martírio cristãos. É na ideia da compaixão de Cristo que o *eu* e o *outro* compartilham um espaço de valores comuns. Mas, nas representações contemporâneas da figura de Cristo, os valores cristãos-sacros se atenuam enquanto evolui uma estética da imagem de Cristo com outros valores integrados. A figura de Cristo continua reconhecível, mas o sagrado martírio deixa de ser um discurso central na contemporaneidade. Os símbolos e figuras religiosos e políticos são elementos fundamentais no campo cultural e as mudanças nos valores relacionados a essas figuras refletem (e refratam) mudanças na organização social.

Palavras-chave: estrutura, semiótica das paixões, semiótica tensiva

F ERDINAND DE SAUSSURE estabeleceu os princípios teóricos que formam a base da Linguística contemporânea. Ele obteve sucesso na proposta de criar uma teoria científica capaz de descrever, por meio da própria linguagem, a estrutura de todas as línguas. A obra basilar da Linguística moderna é o *Curso de linguística geral*. Esse livro, publicado em 1916, não foi escrito por Saussure, que morreu em 1913; trata-se de uma compilação do pensamento do teórico feita por seus alunos. Um dos conceitos teóricos fundamentais apresentados no *Curso de linguística geral* é o conceito de signo linguístico. Segundo Saussure (1975, p. 80),

[...] o signo linguístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica. Esta não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão (*empreinte*) psíquica desse som, a representação que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos; tal imagem é sensorial e, se chegarmos a chamá-la “material”, é somente neste sentido, e por oposição ao outro termo da associação, o conceito, geralmente mais abstrato. O caráter psíquico de nossas imagens acústicas aparece claramente quando observamos nossa

própria linguagem. Sem movermos os lábios nem a língua, podemos falar conosco ou recitar mentalmente um poema.

A língua é um sistema de signos, e todo signo se estrutura pela união entre um significante (imagem acústica) e um significado (conceito). Assim, entendemos que o significado (conceito) da palavra cavalo está ligado a diversos significantes (imagens acústicas). As palavras *cavalo*, *cheval* ou *horse* (português, francês e inglês) são formas gráficas com diferentes imagens acústicas (significantes) que remetem a um mesmo conceito (significado). Dessa forma, existem diferentes significantes que remetem a um significado semelhante. Percebe-se que a teoria saussuriana de signo linguístico se aplica a todas as línguas conhecidas, pois compreendemos que toda língua é estruturada por meio da relação entre um significante e um significado.

Saussure (1975, p. 82-83) também chama a atenção para o princípio de arbitrariedade do signo linguístico. Segundo o teórico, não existe motivação que una o significante ao significado:

Assim, a ideia de “mar” não está ligada por relação alguma interior à sequência de sons

* Universidade Estadual Paulista/Campus de Araraquara (UNESP). Endereço para correspondência: (rubens_cb@hotmail.com).

m-a-r que lhe serve de significante; poderia ser representada igualmente bem por outra sequência, não importa qual; como prova, temos as diferenças entre as línguas e a própria existência de línguas diferentes: o significado da palavra francesa *boeuf* (“boi”) tem por significante *b-ö-f* de um lado da fronteira franco-germânica, e *o-k-s* (*Ochus*) do outro. [...] o significante é imotivado, isto é, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade.

Um dos principais linguistas a dar continuidade ao trabalho de Saussure é o dinamarquês L. Hjelmslev. Sua obra *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*, publicada em 1943, estabelece os princípios fundamentais da Glossemática (da palavra grega *glossa* – língua), teoria linguística elaborada por Hjelmslev e por seu amigo H. Uldall. Hjelmslev fez uso da lógica-matemática para estabelecer uma teoria da linguagem de caráter universal, que entende a Linguística como uma espécie de álgebra. Desse modo, o que importa é compreender as relações formais entre os elementos linguísticos no interior da estrutura da linguagem.

Entre os conceitos desenvolvidos por Hjelmslev destaca-se o de *função*, proposto em seu sentido lógico-matemático. Segundo o linguista dinamarquês, uma *função* é a inter-relação entre os termos que constituem todo sistema de significação, ou seja, toda semiótica. A *função* é estabelecida por meio da relação entre termos chamados *funtivos*:

Ao mesmo tempo que adotamos o termo técnico *função*, desejamos evitar a ambiguidade do uso tradicional no qual ele designa tanto a relação entre dois termos e um ou mesmo ambos esses termos no caso em que se diz que um termo é “função” do outro. É para eliminar essa ambiguidade que propusemos o termo técnico *funtivo* e que tentamos evitar dizer, como normalmente se faz, que um funtivo é “função” do outro, preferindo a seguinte formulação: um funtivo *tem uma função com o outro* (Hjelmslev, 1975, p. 40).

Entende-se que uma *função* é contraída por meio da relação entre os *funtivos*. Hjelmslev (1975, p. 53-54) desenvolve o conceito de *função semiótica* e o define como a relação entre dois *funtivos* (*expressão* e *conteúdo*): “Adotamos os termos *expressão* e *conteúdo* para designar os *funtivos* que contraem a função em questão, a função semiótica [...]” É a partir desses princípios que Hjelmslev irá propor os dois planos da linguagem: o *plano da expressão* e o *plano do conteúdo*, fundamentais no desenvolvimento da semiótica greimasiana. O *plano da expressão* se desdobra em dois extratos: *forma da expressão* e *substância da expressão*, assim como o *plano do conteúdo* também se desdobra

em *forma do conteúdo* e *substância do conteúdo*. Por exemplo:

- O *plano da expressão* da palavra *avião*:
 - A *forma da expressão* pode ser representada fonologicamente. É o recorte gráfico da impressão sonora da palavra *avião*, que, por sua vez, faz parte do sistema fonológico da língua.
 - A *substância da expressão*, nesse caso, é o som, que se manifesta na pronúncia dos fonemas da palavra *avião*. A *substância da expressão* é a manifestação quantificável da linguagem.
- O *plano do conteúdo* da palavra *avião*:
 - A *forma do conteúdo* é a noção de *avião* (jato, planador, *boeing* etc.), que também é transmitida pelas *formas da expressão* *avion* (francês) e *airplane* (inglês).
 - A *substância do conteúdo* é o conceito, que é materializado pelo sistema linguístico. No caso de *avião*, a substância é o conceito de “meio de transporte aéreo”, que se organiza com sentido estável na *forma do conteúdo*.

É esse o conceito lógico-matemático de *função semiótica* – a relação entre os *funtivos expressão* e *conteúdo* – que é fundamental em toda significação, ao constituir signos e criar efeitos de sentido. É o estabelecimento dessa metalinguagem, a ideia de que é possível compreender a linguagem por meio de um método estrutural lógico-matemático, que preparou o caminho para o surgimento da semiótica francesa.

Greimas, linguista lituano, se encarregou do trabalho de criar uma teoria semiótica cuja eficácia analítica abrangesse todos os sistemas de significação. Entende-se significação como a apreensão das relações entre os elementos da linguagem: é o ato por meio do qual o mundo faz sentido, significa. De modo que a significação é um conceito primordial na relação entre homem e mundo. Assim, a semiótica conceitua o texto como um conjunto formal de significação que se manifesta em diversas substâncias da expressão: verbais, visuais, audiovisuais, esculturais, arquitetônicas etc.

Como pesquisador do folclore lituano, Greimas percebeu que, subjacente às narrativas, havia uma estrutura lógica que organizava a manifestação dos textos. Caberia à semiótica francesa formalizar o *percurso gerativo de sentido* em níveis:

- *Nível fundamental*: no qual se situam as relações lógicas – representadas por caracteres simbólicos – com investimento semântico mínimo;

- *Nível narrativo*: no qual ocorre a organização e o desenvolvimento semântico dos elementos lógicos que estruturam a narrativa;
- *Nível discursivo*: no qual os níveis anteriores se manifestam temática e figurativamente; nele se examinam os investimentos mais concretos, que se manifestam em diversos textos: verbais, visuais, sincréticos etc. Nesse nível, o sujeito da enunciação – produtor do discurso – organiza as estruturas narrativas em categorias discursivas de pessoa, tempo e espaço.

Segundo Greimas (1975, p. 12),

[...] é através de uma via estreita, entre duas competências indiscutíveis – a filosófica e a lógico-matemática –, que o estudioso de semiótica é obrigado a conduzir sua pesquisa sobre o sentido. [...] É preciso, para satisfazer às reais necessidades da semiótica, dispor de um mínimo de conceitos epistemológicos explicitados que permitam ao estudioso de semiótica apreciar, quando se trata da análise das significações, a adequação dos modelos que lhe são propostos ou que ele constroi para si.

O semioticista, ao se aventurar em um terreno tão vasto, que é o da significação, deve se orientar por meio da filosofia e da lógica matemática para efetuar seu trabalho. O conhecimento dos princípios científicos já estabelecidos também é fundamental para que se entenda em que medida o modelo teórico proposto é adequado à análise de certo objeto.

Ao tomar para si a significação como campo de estudo, a semiótica precisa definir em qual domínio epistemológico se situam os objetos a serem analisados. Em *Semântica estrutural*, obra fundamental da semiótica europeia, publicada em 1966, Greimas (1976, p. 27) afirma:

A única forma de focalizar, atualmente, o problema da significação, consiste em afirmar a existência de descontinuidades, no plano da percepção, e dos espaços diferenciais (como o fez Lévi-Strauss), criadores de significação, sem se preocupar com a natureza das diferenças percebidas.

Greimas salienta que, para trabalhar a significação, é preciso apreender as descontinuidades que podem ser identificadas no campo da percepção. Entende-se por descontinuidade o momento em que ocorre a ruptura na continuidade entre uma unidade significativa e outras unidades relacionadas: um fenômeno é recordado do universo contínuo no qual está diretamente

relacionado a outros fenômenos. Desse modo, os objetos semióticos são identificados por meio dos sentidos fisiológicos no campo da percepção, no sentido filosófico que lhe atribui a fenomenologia. A corrente filosófica fenomenológica é fundamental no desenvolvimento da semiótica greimasiana e é no plano da percepção que os objetos semióticos são situados.

A semiótica compreende as formas físicas, químicas e biológicas como objetos que são percebidos pelo homem por meio de suas qualidades sensíveis. Esses objetos são compreendidos como partes constituintes do *mundo natural*. (Em semiótica, opõem-se *línguas naturais* e *mundo natural* para ressaltar a anterioridade deste último em relação às línguas e aos indivíduos. Tanto as *línguas naturais* quanto o *mundo natural* são considerados *macrosemióticas*.)

No *nível fundamental* do percurso gerativo, identifica-se a oposição entre os termos mais simples e abstratos que estruturam a significação. Uma oposição fundamental como *vida versus morte* pode ser representada pela oposição entre termos lógicos como S_1 versus S_2 , sendo que S_1 se refere à vida e S_2 se refere à morte. Essa oposição semântica fundamental estrutura o sentido de um texto, de forma que o *percurso gerativo de sentido* pode partir de S_1 (vida), passar por não- S_1 (não-vida) e afirmar S_2 (morte). Nesse caso, o sentido do texto afirma a vida em S_1 , nega a vida em não- S_1 e termina ao afirmar a morte em S_2 . Entende-se que, nesse percurso, a morte predomina e a vida é negada.

Ao considerar o desenvolvimento das pesquisas de Propp e Lévi-Strauss sobre a narratividade, Greimas (1975, p. 144) teoriza uma semiótica que expõe a organização das estruturas narrativas. O teórico lituano considera que as estruturas narrativas são essenciais na produção dos discursos, pois a articulação dos elementos que compõem o *nível discursivo* ocorre no *nível narrativo*. Assim, para que a semiótica estabeleça o *nível discursivo*, é preciso que ela formalize o *nível narrativo*.

Greimas (1976, p. 26) considera que a notação técnica – cifras e caracteres simbólicos –, adotada para representar as estruturas lógicas, possibilita criar um modelo formal que manipula os conteúdos organizados sem se identificar com eles. Desse modo, torna-se possível estabelecer uma teoria da narrativa que descreva as articulações e transformações entre elementos lógicos como S_1 e S_2 (sujeitos), O (objetos) e v (valores), que podem ser relacionados por termos como \rightarrow (que indica transformação), \cap (que significa conjunção) e \cup (que significa disjunção). Esses conceitos permitem examinar, de forma lógica, a organização das estruturas narrativas. Visualiza-se uma metalinguagem que permite trabalhar a narratividade.

Os termos S_1 , S_2 , e O são considerados unidades formais que ainda não receberam investimento semân-

tico e são chamados de actantes. O *nível narrativo* se desdobra em *sintaxe narrativa* e *semântica narrativa*.

No nível da *sintaxe narrativa*, os actantes relacionam-se em encadeamentos lógicos: em determinada narrativa S_1 (sujeito 1) transformará (\rightarrow) S_2 (sujeito 2) ao tornar este conjunto (\cap) ou disjunto (\cup) de um O (objeto).

No nível da *semântica narrativa*, os actantes relacionam-se com valores (v), que podem se inscrever nos objetos. Por exemplo: Na história mítica de Sansão, herói dos judeus², S_1 (Sansão) é um actante que está conjunto de um objeto (cabelos) que lhe fornece um valor (força). Esse enunciado de estado pode ser formalizado como: $S_1 \cap O_v$. O estado de conjunção é transformado no momento em que Dalila (S_2) seduz o herói e lhe corta os cabelos, privando-o da força. De forma que S_2 transforma (\rightarrow) S_1 , tornando-o disjunto (\cup) de um objeto valor (O_v).

No nível da *semântica narrativa*, também ocorrem as *modalizações*, que são responsáveis por modificar as relações entre os actantes. A *existência modal* do sujeito de estado e sua relação com valores (v) como ódio, inveja, ciúme etc. é denominada *modalização do ser*. A *competência modal* do sujeito do fazer, sujeito dinâmico que se define pelos enunciados de ação³, é denominada *modalização do fazer*. São previstas quatro modalidades que definem tanto a *modalização do ser* quanto a *modalização do fazer*: o *querer*, o *dever*, o *poder* e o *saber*. Por exemplo: Dalila é modalizada por *querer-ser* aquela que descobrirá a fonte da força de Sansão. De forma que, no *nível narrativo*, os actantes desempenham *papéis actanciais*; na história de Sansão, o *papel actancial* de S_2 (Dalila) é definido pelo investimento modal *querer-ser*. Na narrativa bíblica, os príncipes dos filisteus oferecem dinheiro a Dalila para que ela revele a fonte da força de Sansão. Desse modo, ocorre uma *modalização do ser* pelo valor ambição. Ela se apropria de um *saber-fazer* no momento em que descobre a fonte da força do herói que, seduzido, revela que são os cabelos que lhe conferem tamanha força. O *saber-fazer* possibilita o *poder-fazer*, que, neste caso, diz respeito ao ato de cortar os cabelos de Sansão. Devido a esta *modalização do fazer*, o herói é privado de sua força.

O *querer-ser* e o *saber-fazer* que modalizam Dalila, tornando-a competente para realizar sua *performance* na narrativa, transformam o estado de conjunção entre Sansão e seu objeto valor em estado de disjunção. Distingue-se um PN (programa narrativo) que pode ser formalizado como:

$$PN = F(\text{função}) [S_2 \rightarrow (S_1 \cup O_v)]$$

² História bastante conhecida, que está presente, de forma verbal, no texto bíblico de Juizes – capítulo 13 –, e que pode se manifestar em vários textos, como o cinema, o teatro, a pintura, a música etc.

³ Em que se encadeiam vários enunciados de estado e várias transformações.

Nesse PN, a *performance* de Dalila (S_2) predomina sobre a de Sansão (S_1), de forma que Dalila é o sujeito do fazer e Sansão é o sujeito do estado.

Compreende-se que em um texto em que se encadeiam vários PNs ocorrem várias transformações e circulam vários objetos e valores, de forma que a história se estrutura na ação e nas modalizações do fazer. Ao contrário, um texto com poucas transformações entre sujeitos e objetos, em que ocorre pouca ação, se organiza em torno do estado passional do ser.

O *nível discursivo* é a etapa mais superficial do *percurso gerativo de sentido* e é por meio da enunciação que o *nível narrativo* se converte em *nível discursivo*. Ao se examinar o discurso, percebe-se uma circulação de enunciados entre interlocutores, que são denominados *enunciador* e *enunciatário*. O destinador da enunciação é denominado *enunciador* e o destinatário é denominado *enunciatário*. Segundo Greimas e Courtés (2008, p. 171),

[...] o enunciatário não é apenas destinatário da comunicação, mas também sujeito produtor do discurso, por ser a “leitura” um ato de linguagem (um ato de significar) da mesma maneira que a produção do discurso propriamente dito. O termo “sujeito da enunciação”, empregado frequentemente como sinônimo de enunciador, cobre de fato as duas posições actanciais de enunciador e de enunciatário.

O sujeito da enunciação produz o discurso ao organizar as estruturas narrativas em categorias de pessoa, tempo e espaço. De forma que o discurso estabelece a comunicação entre *enunciador* e *enunciatário*. Entende-se que o sujeito da enunciação se projeta no texto e deixa marcas linguísticas que permitem reconstruir a enunciação. As categorias de pessoa, tempo e espaço do enunciado estruturam-se segundo a linguagem de determinado sujeito da enunciação. A história mítica de Sansão é compreendida como o discurso de uma civilização do antigo oriente próximo. O discurso do mito de Sansão é enunciado, originalmente, conforme a estrutura da antiga língua hebraica.

O *nível discursivo* compreende a manifestação temática e figurativa das estruturas narrativas. Os temas são revestidos por figuras, elementos que tornam os temas concretos no discurso. As figuras sugerem elementos do *mundo natural*, no campo da percepção, o que produz *efeitos de sentido* e *ilusões de realidade* no discurso. Os temas não sugerem elementos do *mundo natural*, pois são mais abstratos que as figuras. Por exemplo: Nas HQs do *Superman* percebe-se o tema do nacionalismo norte-americano concretizado na figura do herói, cujo uniforme é colorido por duas cores que

se destacam na bandeira dos EUA (azul e vermelho). O *Superman* é modalizado por uma competência extraordinária, pois seus superpoderes o qualificam com um quase ilimitado *poder-fazer*. O super-herói usa seus superpoderes para salvar a humanidade, o que pode ser entendido como um discurso do poder político norte-americano de policiamento do mundo. Segundo a teoria semiótica, o actante que acumula um *papel actancial*, no *nível narrativo*, e um *papel temático*, no *nível discursivo*, passa a ser classificado como *ator*. Na história do *Superman*, no *nível narrativo*, o actante desempenha um *papel actancial* no momento em que é modalizado pelo *poder-fazer* e, no *nível discursivo*, o actante assume o *papel temático* do heroísmo e torna-se um *ator*.

Chama-se a atenção para a importância do contexto histórico em que o discurso é produzido. Compreende-se que tanto a estrutura narrativa da história de Sansão quanto a estrutura narrativa da história do *Superman* manifestam-se em discursos heroicos, mas com diferentes percursos temáticos e figurativos. O mito de Sansão está relacionado aos elementos discursivos específicos do povo judeu e o herói recebe poderes do deus dessa cultura. A semiótica denomina a axiologia positiva do discurso de *euforia* e nomeia a axiologia negativa de *disforia*. O discurso judeu *euforiza* Sansão como um herói com poderes divinos e *disforiza* os filisteus ao retratar esse povo como traçoeiro e dissimulado. A história do *Superman* é produzida por uma sociedade industrial capitalista e é a indústria de entretenimento norte-americana que veicula os textos sincréticos que contam esta história. O discurso norte-americano *euforiza* o *Superman* ao investi-lo de valores como a ética do homem do campo (o super-herói é criado por um casal de idosos em uma fazenda no interior dos EUA), de modo que um valor específico da cultura norte-americana busca se afirmar como valor universal de um salvador da humanidade. A supremacia do poder bélico e o valor universal da moral norte-americana são *efeitos de sentido* do discurso heroico em *Superman*.

Esse breve apanhado do *percurso gerativo de sentido* mostra a semiótica em sua fase estrutural. A semiótica estrutural faz uso de um sistema formal, sob a forma de caracteres simbólicos, para tratar a significação em sua forma descontínua, mais fixa. No entanto, a formalização não leva em conta as propriedades sensíveis e afetivas dos sujeitos e objetos semióticos. Greimas e Fontanille consideram que a semiótica deve trabalhar não só objetos discretos, mas deve também dar conta da significação em devir e do discurso em ato. No livro *Semiótica das paixões: dos estados de coisas aos estados de alma*, de 1991, Greimas e Fontanille (1993, p. 14-15) ponderam:

[...] a semiótica da ação, atribuindo o *status* formal aos conceitos de actante e de transfor-

mação, condição para a instauração de sua sintaxe, não fez outra coisa senão deslocar a problemática dos investimentos semânticos, descarregando-se sobre a noção de estado. Ora, o estado, na perspectiva do sujeito que age, é ou o resultado da ação, ou seu ponto de partida: haveria, portanto, “estado” e “estado”, e as mesmas dificuldades ressurgem; o estado é antes de mais nada um “estado de coisas” do mundo que se acha transformado pelo sujeito, mas é também o “estado de alma” do sujeito competente em vista da ação e a própria competência modal, que sofre ao mesmo tempo transformações. Com base nessas duas concepções do “estado”, reaparece o dualismo sujeito/mundo. Apenas a afirmação de uma existência semiótica homogênea – tornada tal pela mediação do “corpo que sente” – permite enfrentar essa aporia: graças a essa transmutação, o mundo enquanto “estado de coisas” vê-se rebaixado ao “estado do sujeito”, isto é, reintegrado no espaço interior uniforme do sujeito.

Os semioticistas consideram que os dois estados – o estado de coisas do mundo e o estado de alma do sujeito – são unidos por meio da mediação do corpo que sente. O conceito fenomenológico de corpo é fundamental no desenvolvimento da semiótica das paixões e da semiótica tensiva, que trabalha as variações de tensão entre o sensível e o inteligível. A semiótica retoma conceitos da fenomenologia – com base principalmente nas reflexões do filósofo Merleau-Ponty – e o estudo da atividade sensório-motora passa a ser fundamental no conhecimento da significação. A semiótica tensiva, desenvolvida pelos trabalhos recentes de C. Zilberberg e J. Fontanille, se concentra no estudo da interação entre o sensível e o inteligível na produção de sentidos. O sensível é o campo das presenças sensoriais e o inteligível é o campo do entendimento e da compreensão. A sintaxe do discurso é um encadeamento e uma sobreposição de atos que conjuga a dimensão da intensidade (sensível) e a dimensão da extensidade (inteligível). As tensões entre sensível e inteligível ocorrem no campo da percepção e definem o modo como o corpo sofre a experiência da significação. Ao tratar dos dois planos da linguagem – plano da expressão e plano do conteúdo –, Greimas e Fontanille (1993, p. 14-15) ponderam:

Os dois planos da linguagem substituem, a partir de agora, as duas faces do signo. Sejam quais forem os nomes que se lhes dê, os dois planos da linguagem são separados por um corpo perceptivo que toma posição no mundo do sentido, que define, graças a essa tomada de posição, a fronteira entre o

que será da ordem da expressão (o mundo exterior) e o que será da ordem do conteúdo (o mundo interior). É também esse corpo que reúne esses dois planos em uma mesma linguagem. Portanto, o sensível e o inteligível estão irremediavelmente ligados no ato que reúne os dois planos da linguagem.

Fontanille (2007, p. 44) retoma e desenvolve os conceitos de exteroceptividade, interoceptividade e proprioceptividade a partir da fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty. A exteroceptividade é a percepção do mundo exterior, é o modo como o corpo percebe as formas físicas e biológicas do *mundo natural* (plano da expressão) e a interoceptividade é o momento em que o corpo percebe seu mundo interior: afetos e conceitos (plano do conteúdo). A proprioceptividade é a posição do sujeito da percepção, que experimenta a significação a partir de seu corpo próprio, que é um invólucro sensível, uma fronteira entre o domínio interior e o domínio exterior. O corpo próprio é mais que um mediador entre a exteroceptividade e a interoceptividade, e sua atividade sensório-motora interfere na significação. O corpo percebe o ambiente que o interpela e converte as figuras do mundo (exteroceptivas) em figuras interiores (interoceptivas), que são equivalentes às figuras exteriores, mas que estão contaminadas pela dimensão patêmica (proprioceptiva) do corpo sensível. Além do corpo exterior (exteroceptivo) e do corpo interior (interoceptivo) o conceito de corpo próprio (proprioceptivo) define o momento em que o sujeito experimenta a significação em uma instância de legítima individualidade.

Assim, um mesmo discurso é entendido de maneiras diferentes por vários sujeitos porque cada um deles possui um corpo próprio que define um momento de sentido único. A proprioceptividade é a instância em que a sensibilidade singular – individualidade corpórea – do sujeito irá definir o sentido de um discurso.

Para que se entenda melhor o modo como a semiótica trabalha a interação entre o sensível e o inteligível, é importante discutir o conceito de presença. Segundo Fontanille (2007, p. 47),

[...] perceber algo – antes de conhecer esse algo como uma figura pertencente a uma das macrossemióticas – é perceber mais ou menos intensamente uma *presença*. De fato, antes de identificar uma figura do mundo natural, ou ainda uma noção ou um sentimento, percebemos (ou “pressentimos”) sua presença, ou seja, algo que, por um lado, ocupa uma certa posição (relativa a nossa própria posição) e uma certa extensão e que, por outro lado, nos afeta com alguma intensidade. Algo, em suma, que orienta nossa atenção, que a ela resiste ou a ela se oferece.

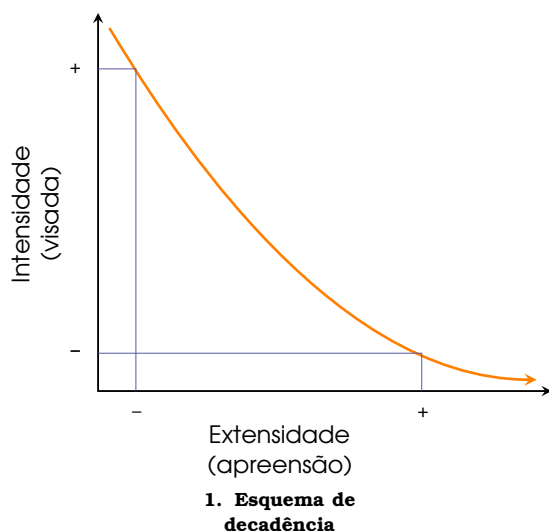
Assim, a presença é compreendida como uma articulação semiótica da percepção. Essa articulação pode ser analisada por meio dos conceitos de *visada* e *apreensão* dos fenômenos. A intensidade sensorial que nos coloca em relação com o mundo, de natureza tensa, se situa no domínio da *visada*. A compreensão inteligível dos fenômenos, de qualidade extensa, se caracteriza pelo relaxamento cognitivo e se situa no domínio da *apreensão*. De modo que a presença suscita duas operações semióticas no plano da percepção: a *visada* (intensa) e a *apreensão* (extensa). Nesse sentido, os conceitos de *visada* e *apreensão* são compreendidos a partir de um ponto de vista fenomenológico:

Como é uma tomada de posição sensível, destinada a instalar uma área de referência, ela consiste também em uma tomada de posição sobre as grandes dimensões da sensibilidade perceptiva: a intensidade e a extensão. No caso da intensidade, dir-se-á que a tomada de posição é uma *visada*; no caso da extensão, uma *apreensão*. A *visada* opera sobre o modo da *intensidade*: o corpo próprio vai, então, em direção àquilo que nele suscita uma intensidade sensível (perceptiva, afetiva). A *apreensão* opera, em contrapartida, sobre o modo da *extensão*: o corpo próprio percebe as posições, as distâncias, as dimensões e as quantidades (Fontanille, 2007, p. 98).

Zilberberg e Fontanille desenvolveram esquemas que possibilitam analisar a interação enunciativa entre a sensibilidade e a inteligibilidade, estes esquemas são uma das bases da semiótica tensiva. Os esquemas tensivos representam as variações de tensão no campo de presença da percepção, de forma que a significação é gerada a partir de tensões na atividade sensório-motora. O domínio sensorial-afetivo (sensível) é identificado na evolução do eixo da intensidade e o domínio racional-quantitativo (inteligível) é reconhecido no desdobramento do eixo da extensão (este eixo também representa o desdobramento espaço-temporal). As variações de equilíbrio entre o sensível e o inteligível podem conduzir ao aumento da tensão afetiva ou ao relaxamento cognitivo. São teorizados quatro esquemas elementares para observar a interação tensiva entre sensível e inteligível:

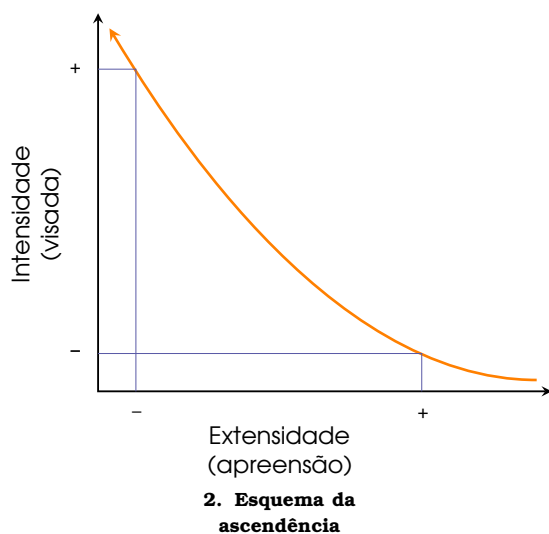
1. **Esquema da decadência:** orienta-se a partir do eixo da intensidade na direção do eixo da extensão; parte do sensível para o inteligível. Pode-se compreender esse esquema na edição de um filme que enquadra o rosto de um ator em um *close-up*, para destacar um estado emocional, e que depois amplia o campo para enquadrar o cenário e outros atores em um plano panorâmico. Essa edição parte da intensidade, do sensível, e se desdobra na extensão, no inteligível.

- (1) A diminuição da intensidade combinada com o desdobramento da extensão produz um relaxamento cognitivo: é o *esquema descendente* ou *esquema da decadência* (Fontanille, 2007, p. 111);



2. **Esquema da ascendência:** orienta-se a partir do eixo da extensão na direção do eixo da intensidade; parte do inteligível para o sensível. É o contrário do exemplo anterior: seria uma edição de filme que parte de um plano amplo, extenso, que enquadra uma paisagem e vários atores, e se aproxima do rosto de um único ator para enquadrar um estado emocional intenso.

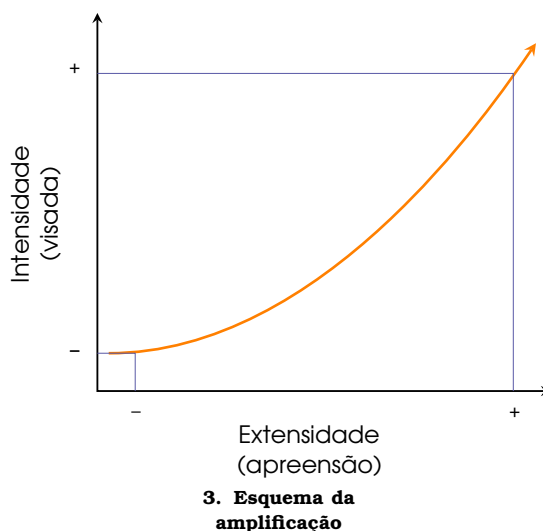
- (2) O aumento da intensidade combinado com a redução da extensão produz uma tensão afetiva: é o *esquema da ascendência* (Fontanille, 2007, p. 111);



3. **Esquema da amplificação:** o sensível e o inteligível crescem em conjunto. Esse movimento parte de um mínimo de intensidade e de uma extensão

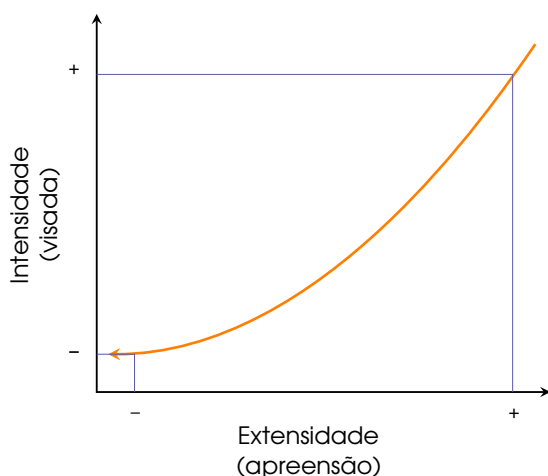
fraca e se desenvolve em uma tensão máxima juntamente com o desdobramento da extensão. É o que acontece em várias sinfonias, que se iniciam com um solo tocado de forma suave por um único instrumento e se desenvolvem até a explosão do conjunto intenso de todos os instrumentos.

- (3) O aumento da intensidade combinado com o desdobramento da extensão produz uma tensão afetiva e cognitiva: é o *esquema da amplificação* (Fontanille, 2007, p. 112);



4. **Esquema da atenuação:** é o declínio geral da intensidade-sensível e da extensão-inteligível. Tanto o sensível quanto o inteligível estão no grau mais baixo, na zona mais tênue; esta seria a zona do apagamento das figuras, mas onde é possível surgirem novas formas semióticas. É o caso da filosofia zen-budista, que busca a atenuação do sensível, o apagamento dos sentidos, e também o apagamento do inteligível por meio do “não pensar”. É também nessa zona de apagamento que o zen-budista pode alcançar a iluminação, que seria uma nova forma semiótica.

- (4) A diminuição da intensidade combinada com a redução da extensão produz um relaxamento geral: é o *esquema da atenuação* (Fontanille, 2007, p. 112);



4. Esquema de atenuação

Estes são os esquemas desenvolvidos para delimitar as variações tensivas que formam o esquema da *práxis enunciativa*, que é um conceito introduzido em semiótica por Greimas no final da década de 1980 e desenvolvido por outros semioticistas, como Bertrand, Fontanille e Zilberberg. Fontanille (2007, p. 109) define a *práxis enunciativa* como um “conjunto aberto de enunciações encadeadas e sobrepostas no interior do qual se introduz cada enunciação singular”. Entende-se que toda enunciação integra elementos de outras enunciações, mas cada enunciação se caracteriza por uma particularidade que a diferencia das enunciações com as quais se relaciona. Segundo Fontanille (2007, p. 271-272),

[...] a *práxis enunciativa* administra essa presença de grandezas discursivas no campo do discurso: ela convoca ou invoca no discurso os enunciados que compõem o campo. Ela os assume mais ou menos, ela lhes atribui graus de intensidade e uma certa quantidade. Ela recupera formas esquematizadas pelo uso ou, ainda, estereótipos e estruturas cristalizadas. Ela as reproduz tais como são ou as desvirtua e lhes fornece novas significações. Ela também apresenta outras formas e estruturas, inovando de forma explosiva, assumindo-as como irredutivelmente singulares ou propondo-as para um uso mais amplamente difundido.

É na instância da *práxis enunciativa* que ocorrem as mudanças nos enunciados que compõem os discursos, mudanças dinâmicas que acontecem na linguagem. É a *práxis* que remodela os elementos discursivos ao recuperar formas e estruturas já conhecidas ou ao apresentar novas formas e estruturas.

Fontanille se apropria do conceito de *semiosfera*, desenvolvido pela semiótica russa, e o conjuga ao conceito de *práxis enunciativa*. A *práxis* seria o domínio

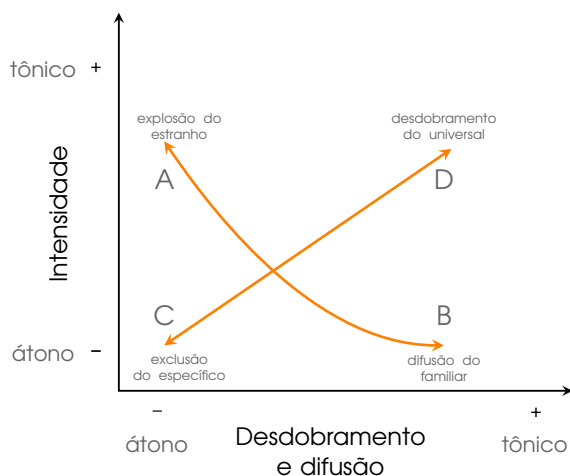
no qual um discurso particular se sobrepõe a outros discursos com os quais se relaciona e a *semiosfera* seria o campo no qual ocorre o diálogo entre diferentes concepções culturais.

A *semiosfera* é o domínio no qual os sujeitos de uma cultura experienciam a significação. A experiência semiótica na *semiosfera* antecede, segundo Lotman, a produção dos discursos, pois ela é uma de suas condições. A *semiosfera* é, antes de tudo, o domínio que permite a uma cultura definir-se e situar-se para poder dialogar com outras culturas. É também um campo cujo funcionamento dialógico tem por principal tarefa regular e resolver as heterogeneidades semioculturais (Fontanille, 2007, p. 282-283).

A *semiosfera* é a instância na qual as diferenças culturais se integram de forma harmoniosa no discurso. As diferenças entre elementos contraditórios de culturas distintas são resolvidas nessa *semiosfera*. Assim, na enunciação, determinada cultura recebe em seu interior uma cultura exterior que lhe é estranha. A contribuição exterior é percebida de forma intensa e a cultura hospedeira irá modificá-la – no campo de presença espaço-temporal – de forma que o estranho passe a ser difundido como algo familiar. A cultura hospedeira assimila a cultura estrangeira, modificando suas especificidades exteriores (que são percebidas na intensidade sensível) e atenuando – no desdobramento da extensidade espaço-temporal – o impacto do estranho. A contribuição exterior é modificada e se torna um signo de caráter universal. Fontanille desenvolve um esquema que une o conceito de *práxis enunciativa* ao conceito de *semiosfera*:

Consequentemente, a *práxis* atua em duas dimensões essenciais: a intensidade, de um lado, e a quantidade, de outro. Portanto, seu campo de exercício, a *semiosfera*, acolhe as contribuições e transforma-as em quatro fases definidas como: (1) *tipos A e B*: a intensidade e a extensão evoluem em razão inversa uma da outra. Em **A**, a irrupção explosiva da contribuição exterior engendra um afeto intenso, mas sem extensão. Em **B**, a difusão compre seu papel, e a contribuição exterior é, ao mesmo tempo, domesticada, negociada, diluída e integrada: o campo inteiro é afetado por ela, mas fracamente; (2) *tipos C e D*: a intensidade e a extensão evoluem na mesma direção, conjuntamente. Em **C**, tanto a extensão como a intensidade estão no grau mais baixo. Em **D**, a amplificação – enfática, conquistadora e normativa – cumpre seu papel e tange ao mesmo tempo a intensidade

(do reconhecimento) e a extensão (da difusão). O esquema da semiosfera toma, então, a seguinte forma (Fontanille, 2007, p. 285):



5. Práxis enunciativa e semiosfera

Esse esquema possibilita analisar o processo perceptivo da significação e, para demonstração, será aplicado em um texto sincrético – uma propaganda publicitária – que retrata a figura de Jesus Cristo (ver Figura 1). A caracterização de Cristo nessa imagem está relacionada ao universo cultural no qual o discurso foi produzido. Os valores de uma determinada cultura interferem na sua compreensão do cristianismo, assim como o cristianismo interfere nos valores da cultura que o acolhe:

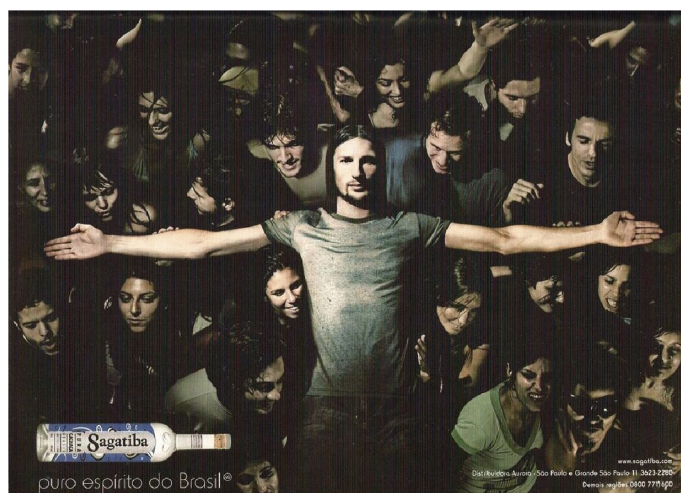


Figura 1
Sagatiba

Esse texto é uma propaganda da cachaça Sagatiba, publicado na revista *Playboy* (2004, p. 49). A figura central é um jovem representado com barba e cabelo longo, do mesmo modo como a figura de Cristo é tradicionalmente representada. A posição desse jovem remete à posição de Cristo na cruz por meio da iconicidade. Segundo J. Fontanille: “O ícone é o momento da estabilização de uma figura reconhecida enquanto tal” (Fontanille, 2005, p. 110). O enunciatário reconhece a posição icônica na qual Cristo é representado e imediatamente a relaciona à posição do jovem da propaganda

de cachaça. Na parte inferior esquerda, há uma foto da garrafa de cachaça Sagatiba e, abaixo da foto, o texto “puro espírito do Brasil”. Aqui, o termo *espírito* faz menção ao conteúdo do sagrado que é transposto ao espaço da orgia. A figura de Cristo ocupa a parte central da imagem e é carregada por várias pessoas, como se costuma fazer em um show de *rock’n’roll*. Cristo, relacionado ao termo espírito, desloca o conceito de sagrado ligado ao martírio e vincula o sagrado aos prazeres carnavais como a dança e a embriaguez. Esse Cristo “pop” deixa de ser o cordeiro expiatório tradi-

cional e se assemelha mais ao deus grego Dionísio, cujo culto privilegia o êxtase dos prazeres carnavais. A imagem é estruturada por uma relação semissimbólica, de acordo com a semiótica plástica proposta por Jean-Marie Floch (1985, p. 14):

É ao estudar concretamente as imagens consideradas em sua globalidade, que, pouco a pouco, reconhecemos e procuramos definir este sistema de sentido, de tipo semissimbólico, que é a semiótica plástica, em que dois termos de uma categoria do significante podem ser homólogos aos dois termos de uma categoria do significado (tradução nossa).

Destacamos uma categoria topológica *central vs. marginal*, do plano da expressão, sendo central a figura de Cristo e marginal as figuras que dançam. Essa categoria do plano da expressão pode ser relacionada a uma categoria semântica *sagrado vs. profano*, do plano do conteúdo, sendo que o sagrado está vinculado à figura central, Cristo, e o profano está relacionado às figuras marginais do enunciado – em segundo plano – que estão mais inseridas no espaço da orgia que a figura central – em primeiro plano – elevada acima das outras. A particularidade deste enunciado consiste em vincular o sagrado (central) e o profano (marginal). Mesmo se referindo a outros enunciados “cristãos”, o texto se estrutura de forma única, pois atenua o tema do martírio, geralmente vinculado à figura de Cristo, e a integra no interior de uma cultura hedonista. Segue a aplicação do esquema da práxis enunciativa no texto sincrético destacado acima:

A figura de Jesus Cristo, relacionada ao martírio e ao ascetismo, é uma contribuição explosiva (em A) no interior da cultura hospedeira, de natureza hedonista, que a acolhe. Ocorre a exclusão de elementos específicos (em C) que estão ligados à tortura física da crucificação e a figura de Cristo é integrada e difundida de forma familiar (em B) no interior da cultura que a assimila. Em D, a figura de Cristo se desdobra com ênfase tanto na intensidade (do reconhecimento do estranho) quanto na extensidade (da difusão do familiar) e instaura um novo discurso que se sobre põe aos discursos anteriores que relacionam Cristo ao martírio da expiação. Nesse enunciado, os elementos relacionados ao sofrimento do corpo crucificado são diluídos e a figura de Cristo é integrada a uma cultura hedonista que a difunde de forma familiar. Segundo Fontanille e Zilberberg (2001, p. 196):

A universalização de uma forma poderia até mesmo [...] ser definida como o descarte da práxis que a produziu. A zona crítica do “desdobramento universal” é, na verdade, o local onde se introduz um metadiscurso que redefine até o próprio referente do discurso e da

cultura. Nesse sentido, é em tal zona que se realizam e estabilizam os remanejamentos do campo discursivo, para formar novos “universos”.

Um discurso, embora esteja encadeado a outros discursos, possui uma singularidade que o diferencia como uma práxis particular. Essa singularidade que define um discurso, mesmo ligado a outros discursos, ocorre no local que Fontanille e Zilberberg chamam de “desdobramento universal”. Essa é a delimitação espacial esquemática em que se identifica a unidade singular de um discurso. O esquema da práxis enunciativa é uma forma de analisar o campo perceptivo da enunciação em seu processo. A aplicação do esquema da práxis enunciativa, complementado pela semiosfera, possibilita destacar elementos que estabilizam um novo discurso de forma única. A figura singular de Jesus Cristo sofre modificações de acordo com os valores da cultura que a representa e também modifica a cultura que a acolhe.

O século XX foi marcado por uma grande evolução tecnológica, que dinamizou a propagação da imagem nos meios de comunicação. Compreende-se que, em um século marcado por transformações culturais, os meios acadêmicos também se preocupem em desenvolver teorias que possibilitam analisar novos tipos de textos em emergência. A cultura do final do século XX e início do século XXI é uma cultura que emerge de uma época de grandes transformações. A irrupção de novidades culturais requer o desenvolvimento de novas técnicas analíticas para a compreensão da realidade histórica e cultural. É a partir dessa reflexão que se procura examinar novos tipos de textos e novos acontecimentos, que precisam ser explicados. É necessário analisar a linguagem sob diversas perspectivas e entender que há muitos objetos que ainda não foram esclarecidos.

Compreende-se, ao tratar-se da significação, que a realidade é estabelecida pelo sentido que é atribuído ao mundo por meio da linguagem. ●

Referências

- Floch, Jean-Marie
1985. *Petites mythologies de l'oeil et de l'esprit*. Paris: Éditions Hadès-Benjamins.
- Fontanille, Jacques; Zilberberg, C.
2001. *Tensão e significação*. São Paulo: Humanitas.
- Fontanille, Jacques
2005. *Significação e visualidade*. Porto Alegre: Sulina.
- Fontanille, Jacques
2007. *Semiótica do discurso*. São Paulo: Contexto.

Greimas, Algirdas Julien
1975. *Sobre o sentido*. Petrópolis: Vozes.

Greimas, Algirdas Julien
1976. *Semântica estrutural*. São Paulo: Cultrix.

Greimas, Algirdas Julien; Courtés, Joseph
2008. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Contexto.

Greimas, Algirdas Julien; Fontanille, Jacques
1993. *Semiótica das paixões*. São Paulo: Ática.

Hjelmslev, Louis
1975. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo: Perspectiva.

Sagatiba
2004. Puro espírito do Brasil. *Playboy*, edição número 350. São Paulo: Abril, set.

Saussure, Ferdinand de
1975. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix.

Dados para indexação em língua estrangeira

Baquião, Rubens César

Sign, Signification and Discourse

Estudos Semióticos, vol. 7, n. 2 (2011), p. 52-62

ISSN 1980-4016

Abstract: *This paper intends to present the foundations of the greimasian semiotic theory and their new theoretical developments. We also introduce the linguistic concepts proposed by Saussure and Hjelmslev and their development in semiotics of passions and in tensive semiotics. To demonstrate the application of the theory, a publicity text is analyzed. This text is organized around the figure of Jesus Christ. The notion of Christ's spiritual power in western society enables the understanding and the integration of internal and external values in the concept of man. The divergent values represented by the self and the other - fundamental concepts in the development of human thinking - are integrated in the notion of compassion and Christian pain. In the idea of compassion of Christ, the self and the other share a place of equal values. In the contemporary representations of Christ, the sacred-Christian values are attenuated and there is a development of other values associated to the image of Christ. The figure of Christ is still recognizable, but the sacred pain is no longer central in contemporary discourse. The symbols and religious figures are fundamental elements in the area of culture and the changes in values related with these figures reflect (and refract) changes in the social organization.*

Keywords: *structure, semiotic of passions, tensive semiotics*

Como citar este artigo

Baquião, Rubens César. Signo, significação e discurso. *Estudos Semióticos*. [on-line] Disponível em: { <http://www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es> }. Editores Responsáveis: Francisco E. S. Merçon e Mariana Luz P. de Barros. Volume 7, Número 2, São Paulo, novembro de 2011, p. 52-62. Acesso em "dia/mês/ano".

Data de recebimento do artigo: 28/12/2010

Data de sua aprovação: 30/05/2011
